

CAPÍTULO 5

A INFLUÊNCIA DA FESTIVIDADE SANTÍSSIMA TRINDADE DOS INOCENTES DO QUILOMBO ARAQUEMBAUA (PA) NA DANÇA FOLCLÓRICA SAMBA DE CACETE

Fernanda Ferreira Freitas

Graduanda de Licenciatura em Educação Física na
Universidade Estadual do Pará - UEPA Campus XIII - Tucuruí.

Amanda Pimentel Carvalho

Graduanda de Bacharelado em Fisioterapia na Universidade Estadual do Pará -
UEPA Campus XIII - Tucuruí.

Roseane Monteiro dos Santos

Doutoranda em Ciências da Educação (FICS-PY). Mestra em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (UCB-RJ). Especialista em Pedagogia do Movimento Humano pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Licenciada e Bacharel em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). CREF 003865 G/PA. É professora Assistente IV do Curso de Educação Física e Enfermagem do Campus XIII da Universidade do Estado do Pará - Tucuruí.

RESUMO

Sabe-se que as práticas religiosas fazem parte da vida humana desde os primórdios da sociedade. Com base nisso, este estudo tem como objetivo evidenciar a influência do festejo da Santíssima Trindade dos Inocentes da comunidade quilombola Araquembaua - PA na dança folclórica, Samba de Cacete, uma dança de origem negra que inclui tambores, cacetes, melodias melancólicas, bebidas específicas e o modo de dançar a batucada mais marcante na história desse povo. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo qualitativa em nível descritivo, tendo como instrumento de coleta de dados entrevistas que continham duas questões abertas relacionadas a festividade da santíssima trindade e seu impacto na dança folclórica samba de cacete. Todos os participantes concordaram com a legislação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os resultados revelaram que a ordem da Assembleia Diocesana de suprimir festas com bandas e bebidas alcoólicas no território quilombola Araquembaua veio a contribuir para o desfalecimento da dança folclórica na comunidade. Por fim,

concluiu - se que o objetivo deste estudo foi alcançado. Ademais, é importante destacar que o método baseado em entrevistas e observações durante o processo de pesquisa permitiu às pesquisadoras relembrar os fatos que presenciaram diretamente ou que lhes foram transmitidos como relíquias quilombolas, possibilitando conhecer um pouco mais de suas culturas ancestrais, repercutidas por meio da festividade e a compreender historicamente como se deu a origem desse patrimônio imaterial.

Palavras-chave: Araquembaua, Santíssima Trindade dos Inocentes, Samba de Cacete.

INTRODUÇÃO

Entre as várias religiões que têm moldado a sociedade humana desde tempos imemoriais, destaca-se o catolicismo, uma prática que incorpora tradições das festas pagãs para venerar e homenagear os santos. Essa devoção visa expressar gratidão ao padroeiro escolhido pela graça concedida às pessoas, que na tradição católica inclui Jesus, a Virgem Maria, o Espírito Santo e outros santos (D'ABADIA, 2010). Nesse contexto, este trabalho se concentra na análise da festividade Santíssima Trindade dos Inocentes da comunidade quilombola Araquembaua, situada no município de Baião, Pará, uma tradição que perdura há 223 anos e sua influência na dança folclórica Samba de Cacete, uma expressão cultural enraizada na herança africana e integrante do folclore Araquembauaense. Como destaca BARBON (2011), as danças folclóricas estão profundamente entrelaçadas com nossas identidades, sendo expressões que refletem os costumes e crenças dos habitantes de cada região em um país. Cada dança é um testemunho vivo da história e da cultura que se desenvolveu ao longo do tempo, uma narrativa encarnada pelos corpos que dançam e pelas comunidades que a celebram.

O interesse pelo tema surgiu do profundo vínculo das pesquisadoras com o quilombo Araquembaua, que as motivou a conduzir o estudo na comunidade. Assim, deu-se início à pesquisa de campo, de caráter qualitativo, onde as informações foram obtidas por meio da análise da complexidade dos acontecimentos através dos relatos dos residentes que vivenciaram de perto as mudanças na comunidade. A contribuição dos entrevistados, ao compartilharem suas experiências de forma autêntica e sem restrições, influenciou a essência da pesquisa, enriquecendo-a com perspectivas únicas e vivências pessoais. Vale ressaltar ainda que a relevância deste estudo é de suma importância, dada a escassez de pesquisas científicas sobre a dança folclórica samba de cacete.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARAQUEMBAUA

Ao adentrarmos o universo das comunidades remanescentes de quilombo, é essencial mergulhar na compreensão mais profunda de seu conceito histórico e contemporâneo. Hoje, esse conceito ressurgiu no cenário nacional não apenas como um vestígio do passado, mas como um grito de luta por direitos históricos e identidade cultural. As comunidades quilombolas se destacam como grupos sociais distintos, fundados em sua identidade étnica e enraizados em uma rica herança cultural (Programa Quilombolas do Brasil, 2009). Entender o que significa "étnico" nos dias de hoje vai além de uma mera definição, implicando o reconhecimento de uma coesão e solidariedade entre indivíduos que compartilham uma consciência de suas origens e um propósito comum (CASHMORE, 2000, p. 196). É uma história coletiva, uma narrativa tecida por experiências compartilhadas, valores arraigados e uma identidade moldada ao longo dos séculos. É um legado vivo, um espaço coletivo e indivisível a ser preservado, enaltecido e protegido para as gerações presentes e futuras.

Segundo o mito de origem, Araquembaua se formou como um acampamento indígena, onde reza a lenda, vivia uma tribo indígena no local, liderada por um homem chamado Araquém, companheiro da mulher chamada Baua, à medida que a comunidade crescia, foi necessário escolher um nome relacionado às suas origens. Os mitos de origem e a decisão do povo de combinar os nomes dos ex-líderes indígenas em sua homenagem influenciaram o resultado em Araquembaua, embora não exista documento oficial que comprove isso.

Fotografia 1 - Vista panorâmica de Araquembaua



Fonte: Otávio Rodrigues (2023)

A comunidade de Araquembaua, situada nas margens do Rio Tocantins, foi refúgio para os escravos que fugiam da opressão na região de Cametá. Esses fugitivos buscavam a proximidade do rio como uma necessidade vital, pois a água ali representava não apenas um recurso indispensável para a sobrevivência, mas também uma rota de fuga mais segura em meio às adversidades da mata densa. Esse contexto favoreceu

um rápido crescimento da comunidade, impulsionado pelo intenso processo de miscigenação entre os diferentes grupos étnicos que ali se encontravam. Essa miscigenação foi tão significativa que levou à formação de uma comunidade quilombola de características mestiças, considerada um quilombo pardo.

A partir dessas raízes étnicas profundamente entrelaçadas, emergiu uma luta persistente pela demarcação e reconhecimento oficial do território quilombola. Somente em 29 de setembro de 2002, após anos de mobilização, a comunidade finalmente obteve o título definitivo de reconhecimento como comunidade quilombola, concedido pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), juntamente com outras 12 comunidades, como parte da Associação de Remanescentes de Quilombos de Igarapé Preto a Baixinha (ARQIB). Esse marco histórico representou a concretização de uma conquista almejada há décadas, cumprindo-se o disposto no artigo 68 das disposições constitucionais transitórias da Constituição Federal de 1988, que garante o reconhecimento e a proteção dos territórios quilombolas como patrimônio cultural e histórico do Brasil.

Fluxograma: Comunidades que compõem a ARQIB.



Situado na zona rural do município de Baião, no nordeste do estado do Pará, o quilombo de Araquembaua é um pequeno povoado de beleza natural, aninhado no coração do Baixo Tocantins. Erguendo-se majestosamente em um platô que se eleva a trinta e cinco metros acima das águas serenas do rio, o local é uma verdadeira obra-prima da natureza. Habitado por uma população aproximada de 2.225 pessoas, conforme registrado no censo eleitoral das eleições de 2022, Araquembaua é o lar de 248 famílias que, ao longo dos anos, têm se esforçado para manter vivas as tradições e os valores que definem sua identidade única.

Essa comunidade simples, mas resiliente, encontrou nos recursos naturais ao seu redor os meios para sobreviver. A pesca de camarão e peixe,

a coleta de produtos vegetais silvestres, a prática da agricultura de subsistência e a criação de animais, como aves e porcos, sustentam as famílias de Araquembaua, garantindo não apenas o alimento na mesa, mas também a continuidade de uma forma de vida profundamente enraizada na terra e nas águas que os cercam. Por trás da aparente simplicidade desse modo de vida, reside uma riqueza inestimável de sabedoria ancestral, transmitida de geração em geração. São histórias de resistência, de resiliência e de conexão com a terra que moldaram a identidade e a alma deste povoado.

Na contemporaneidade, a pesca é amplamente praticada como esporte em algumas regiões do Brasil, mas existem comunidades ribeirinhas na sub-região do baixo Tocantins que tradicionalmente sobrevivem da pesca artesanal e baseiam sua cultura firmemente no rio. Para as pessoas que vivem nas margens dos rios, a pesca é mais do que uma escolha de ocupação, é um referente ideológico (Ferreira, 1995). Em geral, os povos ribeirinhos são os caboclos que vivem às margens do rio, cuja principal fonte de subsistência é a pesca artesanal (Pinheiro, 2012). Na comunidade de Araquembaua, a pesca é realizada preferencialmente de forma familiar, artesanal e voltada para o autoconsumo e pequeno mercado, a capacidade desta atividade é feita por homens adultos e jovens. Na Amazônia, é a maior fonte de alimento para as populações ribeirinhas que dependem fortemente da pesca para alimentação e renda (Diegues, 1999). Os materiais frequentemente utilizados na pesca são: rede de pesca e o matapi. Os principais peixes da região são curimatã, mapará, traíra, branquinha, mandíí, caratinga e a pescada branca.

A coleta de frutos e raízes é um dos métodos mais primitivos utilizados pelo ser humano para obter meios de sobrevivência. Esta prática, denominada extrativismo vegetal, é, no seu sentido mais básico, uma forma de produção de bens onde os recursos são retirados diretamente do seu território natural, ou seja por meio da colheita de produtos retirados da natureza (Drummond, 1996).

Na comunidade de Araquembaua esta atividade foi durante algum tempo a única fonte de renda dos moradores. Atualmente, existem outras atividades e a extração vegetal ocorre em quantidades menores, podemos destacar os principais produtos extraídos: cupuaçu, açaí, cacau, castanha do Pará, urucum

Atualmente, a principal atividade produtiva da comunidade é a agricultura familiar, que gera uma parte do sustento da comunidade e a troca em pequena escala com outros produtos na comunidade. A atividade é

desenvolvida em pequenas propriedades de terras na comunidade, denominadas “roças”. As roças são mais do que áreas físicas, acrescentam um aspecto identitário que une os elementos simbólicos e culturais dos povos tradicionais e materializa o vínculo entre trabalho e território, fortalecendo a identidade coletiva (LIMA, 2015). Os principais produtos agrícolas cultivados incluem arroz, feijão, milho, mandioca, abóbora, maxixe e melancia. A produção de farinha d'água, beiju e tapioca são práticas ancestrais em Araquembaua e representam elementos muito fortes de sua identidade. A casa de farinha demonstra a existência e a resistência desta comunidade ao longo do tempo (Lopes, p. 2017). Dessa forma, graças à sua tradição e forma de organização, a comunidade quilombola de Araquembaua evoluiu ao longo dos anos, pois segundo O'Dwyer (2010), a identidade deste grupo étnico (quilombola) não é definida pelo tamanho ou número dos seus membros, mas baseia-se nas suas experiências e na trajetória comum e continuidade como grupo.

Fotografias 2- Principais meios de sobrevivência na comunidade Araquembaua - PA



Fonte: Corrêa (2023)

A PRINCIPAL MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA CATÓLICA DA COMUNIDADE

Segundo as reflexões do historiador Eliade (1992), os primórdios da busca humana pela espiritualidade remontam ao período Paleolítico, onde as primeiras manifestações religiosas encontram expressão nas profundezas das cavernas, na forma de arte rupestre. Esse vínculo ancestral entre o homem e o sagrado, gravado nas paredes rochosas, revela uma busca incansável pela transcendência desde os tempos mais remotos.

Ao longo dos séculos, inúmeras religiões surgiram, cada uma refletindo a complexidade das crenças individuais e coletivas. No entanto, entre as comunidades tradicionais, é a religiosidade católica que se destaca como uma das matrizes culturais mais profundamente enraizadas. Apesar do avanço das religiões protestantes, especialmente evidente na presença de seis igrejas na comunidade de Araquembaua, o catolicismo continua a

exercer uma influência dominante em nível local, mantendo uma unidade de princípios e valores morais compartilhados.

No cerne dessa identidade religiosa está a festividade da Santíssima Trindade dos Inocentes, padroeiro local, uma tradição que ocorre desde 1801, conforme registros oficiais. Durante esse período anual, os residentes locais, assim como membros de comunidades vizinhas e parentes distantes, se reúnem para celebrar essa herança espiritual e cultural. É um momento de profunda conexão com as raízes da fé católica, enraizada na história e na alma da comunidade, e um testemunho vivo da continuidade e da resiliência dessa tradição ao longo dos séculos.

A igreja matriz, originalmente construída com barro e taipa, ao longo dos anos passou por inúmeras reformas, muitas delas financiadas pelos próprios moradores. Hoje, seu interior é revestido de azulejos e vidro, um testemunho tangível da evolução e dedicação da comunidade. Esta transformação física não apenas ressalta a homogeneidade do catolicismo na região, mas também simboliza e incorpora os ensinamentos fundamentais da fé cristã, refletindo-se na própria estrutura da igreja.

A cada domingo, por volta das oito horas da manhã, os habitantes de Araquembaua se reúnem em suas respectivas igrejas para celebrar o culto em honra a Deus. Devido às limitações estruturais e financeiras, as paróquias muitas vezes são incapazes de sustentar os custos, resultando na liderança dos cultos pelos ministros locais. Neste espaço sagrado, a palavra e a memória dos idosos têm um papel crucial na transmissão de conhecimento, valores e tradições, fundamentais para a identidade cultural da comunidade.

A festividade anual tem seu início tradicionalmente em 20 de novembro e se estende até o dia 29, uma jornada meticulosamente honrada, ecoando o respeito reverente pelas arraigadas tradições deste povo. "Estas datas não são meros marcadores temporais, mas sim símbolos vivos da reverência e temor profundamente enraizados pelos costumes destas comunidades" (Corrêa, 2005). Além das missas realizadas todas as noites, com intercessões, leilões e bingos, o evento acolhe o público em geral. No barracão da Trindade, um arraial é montado, oferecendo uma variedade de comidas típicas e apresentações musicais. Em 2023, o tema escolhido para a festividade foi "Que a Trindade nos guie na missão da igreja", refletindo a profunda conexão espiritual e o propósito comunitário que permeia esses dias de celebração.

Fotografia 3- Início da Festividade Santíssima Trindade _ Araquembaua - PA



Fonte: Freitas (2023)

DANÇA FOLCLÓRICA SAMBA DE CACETE: UMA PRÁTICA ANCESTRAL

O festejo da Santíssima Trindade emerge como o epicentro histórico da comunidade, onde as raízes mais profundas do samba de cacete encontram solo fértil. A alvorada que marcava o início da festividade começava nas primeiras horas da madrugada, com os moradores imersos em bebidas e danças, celebrando o samba de cacete como sua expressão cultural mais emblemática. Antevendo esse momento especial, os moradores convergiam para o barracão, ponto de encontro onde uma multidão se formava, dividindo-se em grupos para os preparativos. Enquanto alguns se dedicavam à preparação de alimentos e bebidas, como a renomada japecanga - uma mistura de gengibre, 51 e açúcar - as mulheres cuidavam do mingau de chocolate. Os homens assumiam a responsabilidade de acender as fogueiras e porangas, pois, naquela época, a eletricidade ainda não havia alcançado aquela região.

Uma vez cumpridas as obrigações, os moradores retornavam às suas casas, apenas para voltar ao barracão ainda sob o véu da madrugada, mergulhados na dança e na convivência até o alvorecer, destacando-se o samba de cacete, cujo ritmo ecoava pelo bater dos cacetes nos tambores esculpidos a partir de troncos ocos de madeira.

O samba de cacete é descrito como uma fusão intrínseca de música, canto e dança, cujas letras capturam os aspectos mais profundos do cotidiano da comunidade. Transmitido de geração em geração, esse ritmo, enraizado na tradição da percussão afro-brasileira, ressoa ao longo de quatro gerações entre os quilombolas do baixo Tocantins. A seguir, compartilhamos uma das músicas mais emblemáticas entoadas nas rodas de samba, segundo o relato do participante 4:

“Manjerona olerê,
Meu castelo olerê,
Manjerona meu castelo,
Tu tem sono vai dormir olerê (Bis)

Coro: Tenho sono olorê,
Mas não durmo olorê
Tenho sono mais não durmo,
Dormirei quando tu ir olorê (Bis)

As letras do samba de cacete ecoam a cultura local, expressando reverência e gratidão aos santos, além de descreverem eventos cotidianos e narrativas de amor. A dança e a música eram elementos integrantes das reuniões comunitárias, acompanhadas por canções que retratavam as lutas diárias de uma vida árdua. Segundo Santos (2016), "a arte do canto e da dança está entranhada na alma sofrida dos descendentes de escravos desde os tempos coloniais".

INSTRUMENTOS

Os instrumentos que compõem a dança folclórica Samba de Cacete são tambores e quatro cacetes que são feitos de troncos ocos de madeira maciça como cumaru e jutaí. Os tambores possuem uma cobertura em pele de veado ou couro bovino que é amarrada em uma das pontas com cipós ou pregos. Cada tambor é tocado por dois músicos, no qual os dois primeiros ficam fixados ao instrumento e tocam a pele do tambor, enquanto os outros músicos, denominados caceteiros, sentam-se de lado e usam os cacete para bater o tambor.

VESTIMENTAS

As mulheres se adornam com belas blusas, saias amplas e fluídas, complementadas por pulseiras e colares rústicos feitos de sementes, enquanto os homens preferem calças escuras ou brancas combinadas com camisas coloridas. Em geral, ambos dançam descalços, imergindo-se completamente na expressão da dança. As cores utilizadas são tipicamente vibrantes e alegres, refletindo um costume cultural dos afrodescendentes de elevar o espírito e a alma através da vivacidade das cores (HARGER, 2016).

A BEBIDA ESPECÍFICA NAS RODAS

Desde tempos ancestrais, a bebida predominante nas rodas de samba é a japecanga. Como mencionado anteriormente, essa bebida é feita à base de gengibre, 51 e açúcar. O processo envolve inicialmente o corte do gengibre, seguido pela mistura com água e o 51 no liquidificador, e depois é coado. É no sabor picante do renomado "desembirra" que músicos e dançarinos mergulham suas gargantas na cachaça para se aquecer, e

quando a batucada começa, os dançarinos cantam, riem, gritam e dançam com fervor.

Nos dias de hoje, a presença de cantores e caceteiros da dança folclórica samba de cacete na comunidade de Araquembaua é escassa. As rodas de samba, outrora uma parte central da vida comunitária, agora são reservadas para ocasiões festivas especiais. E para isso, é necessário recorrer aos mestres da comunidade vizinha de Igarapé-Preto, trazendo consigo não apenas a música, mas também as memórias e a essência das tradições compartilhadas entre as comunidades.

Fotografia 3- características típicas no samba de cacete



Fonte: Freitas (2023)

2 METODOLOGIA

ABORDAGEM DE PESQUISA

Neste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa de cunho descritivo. Seguindo a definição de Gil (2008), a pesquisa qualitativa se concentra na qualidade dos dados, buscando descrever e analisar a natureza do problema sem enfatizar a mensuração dos fenômenos. Optamos por essa abordagem, pois nos possibilitou investigar questões que demandam explicações analíticas e concretas.

LOCAL

A pesquisa foi conduzida na comunidade quilombola de Araquembaua, situada na zona rural do município de Baião, no estado do Pará. O acesso a essa comunidade pode ocorrer de duas formas: por via fluvial, navegando pelas águas majestosas do Rio Tocantins em barco ou balsa, em uma jornada que pode variar de quarenta e cinco minutos a uma hora, dependendo das correntes fluviais e da capacidade do transporte; ou por via terrestre, percorrendo a BR 422 no km 148, uma estrada que se

desdobra ao longo de paisagens deslumbrantes, aproximadamente a duas horas e meia de Tucuruí e a 70 km de Cametá, ambas no Estado do Pará.

COLETA DE DADOS

Para iniciar a coleta de dados, realizamos uma visita de campo, onde fornecemos aos participantes que foram pessoas minuciosamente escolhidas, um resumo detalhado da nossa pesquisa. Em seguida, foi solicitada autorização aos participantes para a realização das entrevistas, os participantes concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme exigido por lei.

A coleta de dados envolveu visitas domiciliares, realizadas no dia 22 e 23 de dezembro de 2023, com entrevistas estruturadas contendo duas perguntas abertas relacionadas a festividade da santíssima trindade e sua influência na dança folclórica samba de cacete da comunidade Araquembaua, que, segundo Thiollent (2009, p. 67), foram “direcionadas a um pequeno e selecionado grupo de pessoas”. Portanto, as pessoas foram selecionadas com base na sua representação no território quilombola de Araquembaua.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Pessoas acima de 45 anos, que aceitassem participar de forma voluntária da entrevista, e tivessem envolvimento direto no festejo da comunidade, fossem brincantes da dança folclórica samba de cacete, seja mestre, caceteiro ou dançarino (a).

RESULTADO E DISCUSSÕES

Conforme abordado previamente, a origem do Samba de Cacete remonta à aurora da festividade Santíssima Trindade. Essa contextualização histórica não apenas posiciona o Samba de Cacete como uma manifestação cultural enraizada na identidade da região, mas também o entrelaça de forma intrínseca com os rituais e celebrações religiosas da comunidade. Durante uma conversa, o participante 4, uma figura central e um dos últimos cantores vivos dessa tradição, compartilhou detalhes sobre a jornada que essa expressão cultural percorreu ao longo dos anos na comunidade, refletindo não apenas a evolução da prática em si, mas também as mudanças sociais e culturais mais amplas que moldaram seu significado e importância.

“O samba é muito antigo, conheci o samba de cacete com 12 anos de idade no barracão da trindade, através dos idosos que

viveram aqui, que era Vicente Lucas, Lino Gomes. O nome do nosso grupo chamava-se "grupo da roça".

Abaixo veremos a letra de uma música que, segundo o participante 4, capta exatamente a essência do Samba de Cacete da comunidade Araquembaua e a história deste povo, marcada pela mistura de povos indígenas e africanos desde os tempos coloniais.

"Eu não sou mestre do samba, nem também sou professor, mas quando eu me sento nesse tamboro, seu Manuel, logo tamboro roncou (Bis)

Coro: Eu vi Manuel, eu vi, eu vi tambor roncar na beira do rio, a barca suspendeu bandeira, seu manel, a maré tá pra arma" (Bis)

O Samba de Cacete se destaca por suas melodias melancólicas e pelo ritmo dos tambores, marcado pela batida dos cacetes, uma característica única que o diferencia de outras manifestações brasileiras de origem africana.

Durante entrevistas com os moradores locais, ao serem questionados se a ordem da assembleia diocesana de suprimir festas com bandas e bebidas alcoólicas do festejo da Santíssima Trindade dos inocentes da comunidade Araquembaua influenciou para depreciação da dança folclórica samba de cacete no território, eles relataram que:

Participante 1, 47 anos de idade: "Com essa ordem preservou ainda mais, porque o que foi retirado foi só a bebida com as bandas, mas com isso as práticas culturais acabaram desfalecendo".

Participante 2, 82 anos de idade: "Influenciou sim, porque com essa ordem tudo terminou, as rodas de samba eram regadas a muita cachaça, batida de jenipapo, japecanga, 51 com limão e sem essas bagunças o povo se desanimou".

Participante 3, 69 anos de idade: "Sim influenciou e muito, porque naquele tempo Araquembaua só tinha um salão de festa que era o da Trindade, e não havia outro local para as realizações das rodas de samba".

Participante 4, 89: "Enfraqueceu demais, teve muita mudança, primeiro foi retirado as bandas e bebidas alcoólicas, depois os foguetes e isso acaba desanimando o povo".

A prática ancestral da dança folclórica Samba de Cacete é uma tradição enraizada nas comunidades quilombolas do Baixo Tocantins. Embora seja transmitida de geração em geração em muitas dessas comunidades, cada quilombo possui sua própria forma específica de realizá-la, mantendo uma semelhança nos tambores, no ritmo, nas letras e no estilo de dança (Sansone et al., 2001). No entanto, o cenário em Araquembaua é diferente. De acordo com as informações fornecidas pelos participantes, desde 2006, observa-se uma gradual diminuição da prática do Samba de

Cacete na comunidade, evidenciando a influência negativa da ordem da Assembleia Diocesana sobre essa tradição.

Ao lançar a pergunta "Na sua opinião, o que está influenciando a juventude de Araquembaua a não ter interesse em conhecer e vivenciar suas próprias culturas?"

Participante 1: "Os tempos são outros. Na minha época de mocidade não tínhamos televisão e muito menos internet, então qualquer bate lata era uma forma de diversão. Nesta nova era há muita modernidade, os jovens só querem saber de celular".

Participante 2: "Falta de incentivo, desde a ordem da igreja, Araquembaua não foi mais a mesma. As práticas culturais estão diminuindo e acabando cada vez mais. E isso está acontecendo porque nada tem sido feito para resgatar as antigas práticas".

Participante 3: "Tudo começou com a ordem da igreja de não realizar brincadeiras no salão da trindade, naquele tempo não havia outro salão na comunidade para realizar as nossas danças, muitas dos nossos costumes antigos foram deixadas de lado, como o samba de cacete que se originou no salão da igreja e o cordão de boi que era uma cultura fortíssima nossa e que se perdeu, hoje em dia tem uns 5 salão na comunidade, mas não é como antes, os jovens de hoje em dia não apreciam suas próprias culturas".

Participante 4: "Quando veio a televisão foi uma coisa péssima porque o povo foi perdendo os costumes e com a chegada da internet foi pior ainda porque os jovens de hoje só querem saber de assuntos do presente, enquanto o passado está sendo esquecido e quando a gente tenta resgatar os antigos costumes não temos apoio".

A partir das narrativas compartilhadas, é possível vislumbrar o profundo impacto que o avanço tecnológico exerce sobre a dinâmica social das comunidades quilombolas. Essas comunidades, historicamente marcadas por conflitos territoriais, agora enfrentam uma nova camada de desafios, que se estende para além das fronteiras físicas e penetra nos aspectos mais íntimos de sua cultura. Ademais, soma-se a isso a triste constatação da desvalorização interna, por parte de alguns membros, em relação à própria riqueza cultural que carregam.

Nesse contexto complexo, torna-se imperativo que cada indivíduo se abra para o conhecimento e a apreciação das diversas culturas que coexistem no mundo, reconhecendo a beleza e a profundidade da diversidade cultural entre os povos. No entanto, esse processo só pode ser verdadeiramente enriquecedor se estiver enraizado em um profundo respeito e valorização da própria cultura de cada um. É ao compreender suas origens, sua evolução ao longo do tempo e seu papel na formação da identidade que os indivíduos podem verdadeiramente entender a importância de preservá-la como uma expressão autêntica de quem são.

Conforme salientado por Pedroso (1999), a preservação da cultura não implica em um isolamento ou fechamento para o mundo exterior, mas sim em encontrar meios de manter viva a essência e os valores fundamentais

de uma cultura diante das influências externas. As tradições ancestrais regionais representam um legado inestimável, essencial para a preservação das raízes e da identidade de uma comunidade. São como fios que tecem a tapeçaria da história, tornando cada lugar único e autêntico, e merecem ser protegidos e celebrados como verdadeiros tesouros culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporcionou uma análise profunda do impacto da ordem da Assembleia Diocesana sobre a dança folclórica samba de cacete na comunidade de Araquembaua. Durante esse processo, pudemos atingir os objetivos delineados para esta pesquisa, fornecendo insights valiosos sobre as mudanças ocorridas e as ramificações culturais resultantes.

É crucial ressaltar que, ao longo da pesquisa, o método baseado em entrevistas e observações permitiu não apenas a coleta de dados, mas também uma imersão nas vivências e narrativas dos membros da comunidade. Esse contato direto com suas experiências e tradições transmitidas como relíquias quilombolas ofereceu uma perspectiva única sobre as raízes culturais profundas que moldaram a festividade e a dança folclórica em questão. Por meio dessa abordagem, fomos capazes não apenas de compreender a origem histórica desse patrimônio imaterial, mas também de reconhecer sua importância contínua na identidade e coesão da comunidade.

Apesar das adversidades enfrentadas ao longo do estudo, é inegável a relevância das expressões culturais para a comunidade de Araquembaua. Essas manifestações não são apenas formas de entretenimento ou tradições antigas, mas sim testemunhos vivos da história e do espírito resiliente do povo quilombola. Cada atividade cultural individual contribui para o tecido social mais amplo, fortalecendo os laços comunitários e preservando um legado único de memória e sabedoria transmitido de geração em geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBON, Andiará dos Santos. Danças folclóricas na educação física escolar. 2011. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/1621> Acesso em: 19 nov. 2023.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Selo negro, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YDCm6WqtFBwC&oi=fnd&pg=PP11&dq=Cashmore,+Ellis.+Dicion%C3%A1rio+de+rela%C3%A7%C3%B5es+%C3%A9tnicas+e+raciais.+Selo+negro.+2000&ots=iTJMNEt2ss&sig=DQ0KSeUmepTykTVzTxMYisUFH2o> Acesso em: 19 nov. 2023.

- CORRÊA, S. Educação Popular e Movimentos Sociais: construindo caminhos de inclusão social e de sustentabilidade com as sociedades tradicionais da Amazônia. **Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade Estadual do Pará, Belém-Pa**, 2005. Disponível em: [CORRÊA, S. Educação Popular e Movimentos Sociais:... - Google Acadêmico](#) Acesso em: 19 nov. 2023.
- Diegues, Antonio Carlos. A sócio-anthropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 3, n. 2), p. 361-376, 1999. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/3047> Acesso em: 19 nov. 2023.
- D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 30, n. 1, p. 93-105, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3371/337127153006.pdf> Acesso em: 19 nov. 2023.
- Drummond, José Augusto. A extração sustentável de produtos florestais na Amazônia brasileira. **Estudos sociedade e agricultura**, 1996. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/88/84> Acesso em: 20 nov. 2023.
- Eliade, Mircea; FERNANDES, Rogério. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**, 1992. Disponível em: [Eliade, Mircea; FERNANDES, Rogério. O sagrado e... - Google Acadêmico](#) Acesso em: 20 nov. 2023.
- Ferreira, MSFD. A comunidade de Barranco Alto: diversificação de saberes às margens do rio Cuiabá. **Cuiabá: UFMT/IE**, 1995. Disponível em: [Ferreira, MSFD. A comunidade de Barranco Alto: diversific... - Google Acadêmico](#) Acesso em: 20 nov. 2023.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008. Disponível em: https://feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3_artigo01_globalizacao.pdf Acesso em: 10 jan. 2024.
- HARGER, Patrícia Helena Campestrini. O segmento de moda afro-brasileira: conceitos, estruturas e narrativas. **Palavra e-periódico**, n. 18, p. 95-120, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5140/514054175007/> Acesso em: 10 jan. 2024
- Lima, Luís Augusto Pereira. **A roça como categoria de análise e de afirmação identitária: estudo da relação dinâmica de resistência e garantia do território em situações sociais referidas a quilombolas e indígenas**. 2015. Tese de Doutorado. UEMA. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/427> Acesso em: 20 nov. 2023.
- Lopes, Carla Joelma de Oliveira et al. **O território quilombola de Araquembaua, Baião-Pa**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/9406> Acesso em: 22 de nov. de 2023.
- NAHUM, João Santos. De ribeirinha a quilombola: dinâmica territorial de comunidades rurais na Amazônia Paraense. **Campo Território: revista de geografia agrária**, v. 12, pág. 79-103, 2011. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=LxxCXHcAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra> . Acesso em: 19 de nov. 2023.
- O'dwyer 19, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais

- em construção. **Territórios quilombolas e conflitos**, v. 69, p. 42, 2010. Disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/livro_territorios_quilombolas_conflictos.pdf#page=42 Acesso em: 23 de nov. 2023.
- PEDROSO, Sergio Flores. **A Carga Cultural Compartilhada: A Passagem Para A Interculturalidade No Ensino De Português Língua Estrangeira**. 1999. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/175838?guid=1641254405967&returUrl=%2Fresultado%2Flistar%3Fguid%3D1641254405967%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D175838%23175838&i=18> Acesso em: 07 jan. 2024.
- Pinheiro, Tainá Trindade et al. Um modo de produção no espaço ribeirinho: um estudo no Distrito de Nazaré/RO. **ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, v. 21, p. 1-14, 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1439_1.pdf Acesso em: 30 nov. 2023.
- Quilombola, Programa Brasil. comunidades quilombolas brasileiras: regularização fundiária e políticas públicas. **Brasília, DF**, 2009. Disponível em: [Quilombola, Programa Brasil. comunidades quilombolas... - Google Acadêmico](#) Acesso em: 28 dez. 2023.
- Thiollent, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 16ª. **Cortez: São Paulo**, 2009. de Moraes Pinto, B. C. (2012). ESCRAVIDÃO, FUGA E A MEMÓRIA DE QUILOMBOS NA REGIÃO DO TOCANTINS. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OTSDEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Thiollent,+Michel.+Metodologia+da+pesquisa-a%3%A7%C3%A3o.+16%C2%AA.+Cortez:+S%C3%A3o+Paulo,+2009.+de+Moraes+Pinto,+B.+C.+\(2012\).+ESCRAVID%C3%83O,+FUGA+E+A+MEM%C3%93RIA+DE+QUILOMBOS+NA+REGI%C3%83O+DO+TOCANTINS.+&ots=vbyzIMuOic&sig=PJ-N0JhnUo7JhQBL-T-ix9LYqGc](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OTSDEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Thiollent,+Michel.+Metodologia+da+pesquisa-a%3%A7%C3%A3o.+16%C2%AA.+Cortez:+S%C3%A3o+Paulo,+2009.+de+Moraes+Pinto,+B.+C.+(2012).+ESCRAVID%C3%83O,+FUGA+E+A+MEM%C3%93RIA+DE+QUILOMBOS+NA+REGI%C3%83O+DO+TOCANTINS.+&ots=vbyzIMuOic&sig=PJ-N0JhnUo7JhQBL-T-ix9LYqGc) Acesso em: 28 dez. 2023.
- Sansome St, São Francisco, CA 94104, 1998 Moraes Pinto, Benedita Celeste. Escravidão, Fuga E A Memória De Quilombos Na Região Do Tocantins. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, V. 22, 2001. Disponível em: <https://Revistas.Pucsp.Br/Revph/Article/Download/10744/7976> . Acesso em: 10 dez. 2023.
- SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Temas em Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 217-229, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6461354> Acesso em: 7 jan. 2024.